



Em **S**ociedade

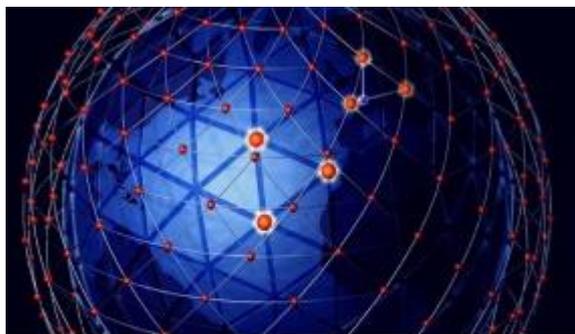
Aquilombar-se: lideranças quilombolas como articuladores da cosmologia quilombola¹

*Júlia Cotta Lima de Oliveira²
Jesus Rosário Araújo³*

¹Este artigo é uma síntese da etnografia de conclusão do curso de Ciências Sociais da PUC Minas, com o seguinte tema: *Lideranças Quilombolas como articuladores do Cosmo Quilombola*

²Especialista em Desenvolvimento de Território e Graduada em Ciências Sociais pela PUC Minas. E-mail: juoliveira.c@hotmail.com

³Liderança Quilombola da Comunidade Indaiá- MG. Técnico Ambiental e Mestre em Sustentabilidade de Povos e Comunidades Tradicionais- MESPT -UNB. E-mail: jesusrosarioquilombola@gmail.com



Em Sociedade

Resumo

A pesquisa buscou compreender a construção das lideranças quilombolas, Antônio Bispo dos Santos e Jesus Rosário do Araújo, por meio das confluências que realizam em diversos espaços que transitam, através da coletividade e da ancestralidade, recriando acontecimentos cosmológicos que induzem outra forma de pensar, reafirmam a identidade quilombola e projetam uma sociedade do bem viver.

Palavras-chave: comunidades quilombolas; articulação política; cosmo.

Abstract

The research sought to understand the construction of quilombola leaders, Antônio Bispo dos Santos and Jesus Rosário do Araújo, through the confluences they perform in different spaces that transit, through the collectivity and ancestry, recreating cosmological events that induce another way of thinking, reaffirm quilombola identity and project a society of good living.

Keywords: quilombola communities; political articulation; cosmos



1 INTRODUÇÃO

Albert (2002) realiza uma antropologia que relaciona a cosmologia indígena com o processo sócio-histórico das relações de contato. Ademais, ele desenvolve reflexões sobre a criatividade simbólica e política das sociedades ameríndias, pensando-as como “uma dialética entre transformação e reprodução social, tradição e invenção, classificações e mobilização, estrutura e evento.” (ALVARES, 2005, p.20). O autor utiliza a etnografia para privilegiar o ponto de vista do sujeito indígena sobre o contato e as transformações que ele realiza a partir disso. O presente artigo também pretende o mesmo, com o objetivo de apresentar a etnografia construída junto às lideranças quilombolas, a fim de identificar e categorizar as técnicas e estratégias presentes em seus discursos e articulações por meio das confluências que realizam e reeditam, propondo a cosmopolítica quilombola como resistência.

Nessa lógica, Albert (2002) recomenda abrir o foco da observação etnográfica à diversidade de regimes expressivos (palavras, narrativas e discursos) e dimensões sociais (ritos, trocas e conflitos). Segundo o autor, estes são meios pelos quais as sociedades indígenas do norte da Amazônia constroem sua articulação com a fronteira envolvente e, com a atuação de seus protagonistas, propõem outro cosmo social a partir da própria cosmologia. Essa análise pode ser apropriada para compreender as comunidades quilombolas e suas lideranças políticas, como Jesus Rosário do Araújo, liderança quilombola da comunidade de Indaiá, através da atuação na formação política e ambiental em comunidades tradicionais e em movimentos sociais; e Antonio Bispo dos Santos, liderança quilombola da comunidade Saco dos Curtumes, articulando as ideias quilombolas em diversos espaços. Ambos são articuladores de um cosmo quilombola por primazia, uma vez que frequentam, criam, recriam e articulam os saberes tradicionais aos saberes ocidentais, na luta pelos direitos das comunidades tradicionais e por um mundo do bem viver. Desse modo, para conseguirem força e visibilidade para a luta quilombola, as lideranças estão em constante trânsito em territórios e espaços (movimentos sociais, comunidades tradicionais, universidades).

Para a realização dessa etnografia itinerante⁴, foi necessário um constante trânsito, não somente físico, mas mental, de diversos pensamentos e categorias ocidentais para uma zona de

⁴As etnografias que se fazem hoje têm se expandido para além da limitação tempo-lugar, pois os novos sujeitos globalizados vivem em constante mobilidade, exigindo do pesquisador antropólogo um contínuo deslocamento e usos de novas técnicas para que se consiga apreender a realidade pesquisada.



reflexão contínua, em um constante questionamento, fazendo o que Bispo nomeia a *contra colonização*. Portanto, como afirma Sahlins (1997),

São esses sujeitos e comunidades que nos fazem pensar, que estão reelaborando novas formas de viver: Pois ao menos aqueles povos que sobreviveram fisicamente ao assédio colonialista não estão fugindo à responsabilidade de elaborar culturalmente tudo o que lhes foi infligido. Eles vêm tentando incorporar o sistema mundial a uma ordem ainda mais abrangente: seu próprio sistema de mundo. (SAHLINS, 1997, p. 52)

Dessa forma, a pesquisa transformada neste artigo se iniciou em 2017 e se deu por meio da observação de discursos e diálogos e através da realização de entrevistas. O objetivo foi analisar a construção dessas lideranças quilombolas e as confluências que realizam para projetar o cosmo quilombola e defender seus direitos.

Este estudo parte do ponto de vista das lideranças, em diálogo com diversas categorias antropológicas, para conseguir analisar as técnicas que esses sujeitos fazem uso e as configurações sociais que criam. Ao cruzar as duas categorias, antropológicas e quilombolas, percebe-se o contato entre grupos de outra forma e visualiza-se a possibilidade de outro modelo de sociedade, através do ato de aquilombar-se.⁵

O artigo está dividido em cinco partes: na primeira, apresenta-se a metodologia de pesquisa; na segunda, são apresentados os sujeitos-parceiros desta pesquisa, as lideranças quilombolas; na terceira parte é elaborado um diálogo sobre a proposição cosmológica articulada pelas lideranças quilombolas; na quarta, busca-se categorizar as técnicas de resistência utilizadas pelas lideranças nos espaços que transitam; e, por fim, na quinta parte, conclui-se o estudo com o ato de aquilombar-se.

2 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa se baseou primeiramente na revisão bibliográfica sobre lideranças tradicionais. Encontrou-se, principalmente, materiais sobre lideranças indígenas e poucas discussões a respeito de lideranças quilombolas, o que justifica o maior uso de bibliografia sobre indígenas. Logo em seguida, buscou-se literatura sobre quilombolas e cosmologias. Devido ao tempo e ao objetivo da pesquisa, não foi possível desenvolver o

⁵ Aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político.



levantamento e a análise de produções de comunidades quilombolas, e, dessa forma, o foco da etnografia está nas construções das lideranças quilombolas em trânsito.

Em seguida, devido ao meu envolvimento com projetos voltados para comunidades quilombolas, encontrei, em 2017, duas lideranças com as quais construí minha etnografia de conclusão de curso. Ao longo do tempo, fomos nos aproximando e construindo reflexões. Utilizou-se a observação participante e a técnica de entrevistas para acompanhá-los.

A primeira observação participante realizada foi na Comunidade Quilombola do Indaiá, em março de 2018, onde reside o Jesus, uma das lideranças dessa pesquisa, que conheci um ano antes. Realizou-se a observação em dois momentos, o primeiro numa reunião do Projeto Lições da Terra⁶, em que estavam presentes, também, líderes de diversas comunidades para discutir sobre o território. O segundo momento foi durante uma festa da Sexta Feira da Paixão, em que Jesus participou ativamente, preparando as comidas e organizando o ritual.

Outras observações, relativas à segunda liderança acompanhada nesse estudo, se deram em mais dois momentos. Uma foi realizada na cidade de Belo Horizonte, com Nego Bispo, em maio de 2018, no Palácio e na Praça da Liberdade, onde pude realmente conhecê-lo⁷ e acompanhá-lo em suas atividades políticas, como na participação de uma titulação de terras, e conhecer suas atividades culturais, em sua participação no Festival de Cultura Quilombola, o Canjerê. Em julho de 2018, realizei a última observação participante dessa pesquisa. Nela, pude acompanhar Bispo em um conjunto de palestras (no decorrer de três dias), realizadas através do Conselho Regional de Psicologia, em Belo Horizonte e em Juiz de Fora, sobre o tema: Psicologia e Relações Étnicas Raciais.

Para compreender os discursos dessas lideranças, realizei uma entrevista aberta com cada líder quilombola, guiada pelos fatos relatados sobre as respectivas trajetórias de vida. A primeira foi com o Jesus, em abril de 2018, em minha casa, por sugestão dele, tendo em vista que me recebeu em sua comunidade, em março, através do Projeto Lições da Terra. A segunda entrevista foi com Antônio Bispo dos Santos, em maio deste ano, no Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, em um dos intervalos das suas atividades políticas na cidade. Em julho de

⁶ O projeto Lições da Terra é um projeto em parceria com a PUC Minas e com o INCRA, que consiste na construção de um relatório técnico antropológico para auxiliar na demarcação do território coletivo quilombola. O projeto realiza o deslocamento de equipes, composta de professores e estagiários, para comunidades tradicionais, durante o período de sete a quinze dias para recolher dados para construção do relatório técnico antropológico.

⁷ No ano de 2017, conheci Bispo por meio do Fórum Doc Festival de Filmes Documentários, onde palestrava sobre O fim dos Mundos.



2018, realizei a última entrevista com o Bispo, também em minha casa, mediada por fotos que ele trouxe para me contar mais de suas histórias. Para apresentar as falas dos líderes ao longo da pesquisa, utilizei as categorias de nome, mês e ano em que foram realizadas as entrevistas, como uma forma de diferenciá-las das citações bibliográficas, já que também cito partes do livro de Bispo.

Para além das entrevistas formais, visitei e conversei outras vezes com o Jesus, durante o período de agosto a novembro do ano 2018, assim como passei três dias, em julho de 2018, acompanhando Bispo, não somente nas suas palestras, mas também na vida pessoal, em visitas a casa de amigos, em minha casa, em restaurantes e bares. Esses momentos serviram para criar e fortalecer meu laço com esses sujeitos. Para além da relação de pesquisadora e pesquisado, nos tornamos amigos, o que contribuiu para aproximar essa pesquisa do pensar dessas lideranças quilombolas.

3 AS LIDERANÇAS

As lideranças quilombolas atuam como pontes entre diversos mundos. Elas possuem saberes tradicionais dos mestres e mestras quilombolas e têm se apropriado dos espaços, dos códigos e das linguagens ocidentais, ressignificando seu modo de ser e o de suas comunidades, construindo uma ponte entre mundos. Operam como tradutores, transpondo os códigos, criando e utilizando técnicas de resistência, emprestando sua voz a uma coletividade polifônica, representando o modo de viver das comunidades tradicionais na contemporaneidade e, principalmente, projetando o cosmo quilombola.

Jesus Rosário de Araújo e Antônio Bispo dos Santos são as lideranças parceiras nessa pesquisa. Jesus é liderança quilombola da comunidade de Indaiá, localizada na região de Antônio Dias, a 196 km da capital mineira, Belo Horizonte. Ele é técnico de campo, agricultor, ativista político e militante do movimento social quilombola. Bispo é liderança quilombola da comunidade Saco dos Curtumes, localizada no Município de São João do Piauí, na região do semiárido piauiense, distante cerca de 500 km de Teresina. É poeta, escritor, lavrador, militante político, formado por mestras e mestres de ofícios, pensador social brasileiro e autor do livro *Colonização, Modos e Quilombos*⁸.

⁸ SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos, modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.



Por meio de longos diálogos e vivências, construímos juntos a análise que se segue, auxiliando na afirmação do pensamento quilombola na universidade e também no desenvolvimento de técnicas e estratégias de resistências do modo de vida quilombola.

3 A PROPOSIÇÃO COSMOLÓGICA

Stengers (2018), em seus estudos sobre a filosofia da ciência, coloca que fazer ciência é construir mundos. Logo, a ciência moderna impõe uma única maneira política de enxergarmos a realidade à nossa volta, a ocidental. Ao fazer isso, desconsideramos qualquer outro modo de existência além dessa, como as cosmologias das comunidades indígenas e quilombolas. Segundo a autora, as ciências humanas contribuem nesse processo, pois mesmo validando o conhecimento tradicional, inviabilizam essa realidade, legitimando a ciência moderna ocidental como única realidade possível.

Dessa forma, Stengers (2018) propõe desacelerar nosso pensamento cognitivo e deixar que acontecimentos cósmicos ou interstícios nos façam perceber que outras sociedades fazem política e que outros mundos são reais. Portanto, devemos parar de pensar de uma maneira ocidental imposta e começar a considerar outras formas viáveis de cosmos.

Segundo a autora, é necessária uma proposição cosmopolítica, o que segundo ela, “trata-se justamente de desacelerar a construção desse mundo comum, de criar um espaço de hesitação a respeito daquilo que fazemos quando dizemos ‘bom’.” (STENGERS, 2018, p.446). Essa realidade só será possível quando a arena política for um espaço de coexistência e negociação de cosmologias diferentes.

Assim, a cosmopolítica que ela defende não pretende propor bons procedimentos para se chegar a um mundo comum, que inclui todos em uma mesma realidade, mas propõe desacelerarmos nosso pensamento ocidental para que possamos ouvir outras sociedades, para pensar cosmos sociais que dialoguem entre si, visando a prevalência dos diversos modos de existir.

O cosmos, aqui, deve, portanto, ser distinguido de todo cosmos particular, ou de todo mundo particular, tal como pode pensar uma tradição particular. E ele não designa um projeto que visaria a englobá-los todos, pois é sempre uma má ideia designar um englobante para aqueles que se recusam a ser englobados por qualquer outra coisa. O cosmos, tal qual ele figura nesse termo, cosmopolítico, designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam



se tornar capazes, contra a tentação de uma paz que se pretenderia final, ecumênica, no sentido de que uma transcendência teria o poder de requerer daquele que é divergente que se reconheça como uma expressão apenas particular do que constitui o ponto de convergência de todos. (STENGERS, 2018, p. 447)

Assim, a autora sugere que pensemos uma cosmopolítica que articule os múltiplos mundos, não para os agregar em uma paz comum, em um ponto convergente a todos, pois nem todos querem ser agregados. O objetivo é pensar uma cosmopolítica como operadora de equidade, em que os cosmos possam dialogar.

Segundo Stengers (2018), a cosmopolítica propõe que todos os grupos estejam presentes na arena política para se representarem nas decisões de forma autônoma e não pré-determinada pela cultura ocidental. Para isso, devemos resistir às palavras de ordem, pensar sobre o que achamos aparentemente “normal” e constranger os representantes do poder, aqueles que têm que tomar decisões em torno de um bem comum, para que também se questionem se as suas decisões estão sendo definidas sem negociação com outras realidades.

A autora aborda, como exemplo, a proposição cosmológica das bruxas neopagãs⁹, que se colocam na arena política através da magia, o que as tornou capazes de estarem ali e debaterem com a realidade imposta, que é descrente dos seus modos de existir.

O termo magia, entretanto, não é pensado, e o mesmo acontece com todas as palavras associadas à sua eficácia. Para as bruxas, nomear-se bruxas e definir a sua arte por essa palavra, “magia”, já são atos “mágicos”, que criam uma experiência desconfortável para todos aqueles que vivem em um mundo onde supostamente a página foi definitivamente virada, com a erradicação de tudo que foi desqualificado, menosprezado, destruído, enquanto triunfava o ideal de uma racionalidade pública, de um homem idealmente mestre de suas razões, logo acompanhado da trivialidade da psicologia dita científica com suas pretensões de identificar aquilo a que as razões humanas obedecem. (STENGERS, 2018, p.458)

Nessa investigação, analisa-se que as lideranças quilombolas, assim como as wiccas, criam dispositivos e técnicas para se pensar para além do pré-determinado, e, a partir da cosmologia negra, propõem outra perspectiva, a quilombola. Os espaços em que as lideranças transitam e as técnicas que utilizam os fazem se colocar e colocar o modo de vida quilombola na arena política: “Como já falamos, faz-se por bem entendermos que as populações

⁹ Wicca é uma religião neopagã influenciada por crenças pré-cristãs e práticas políticas da Europa ocidental que afirma a existência do sobrenatural (como a magia) e os princípios físicos e espirituais femininos e masculinos que interagem com a natureza e que celebra os ciclos da vida e os festividades sazonais, conhecidos como *sabás*, os quais ocorrem, normalmente, oito vezes por ano.



[quilombolas] desenvolvem sua cosmovisão a partir da sua religiosidade e é a partir dessa cosmovisão que constroem as suas várias maneiras de viver, ver e sentir a vida”. (SANTOS, 2015, p. 38)

Desse modo, o quilombo, como forma de organização cosmológica, apresenta formas políticas e estratégicas de reconhecimento da identidade política negra em diálogo com os diversos mundos. Recuperam, também, as práticas ancestrais e coletivas quilombolas, principalmente através da atuação das lideranças. “A sabedoria quilombola vem da cosmologia, sou formado por mestres e mestras para traduzir e cheguei até aqui. É necessário que se ouça nossas avós para superar as questões sociais.” (BISPO, julho de 2018)

O diálogo que as lideranças quilombolas estabelecem com diversos sujeitos deriva da trajetória que realizam através dos territórios em que transitam. As camadas que perpassam (políticas, sociais, culturais, étnicas) constroem as lideranças e constituem força política para as comunidades. “[...] o quilombo pode ser considerado o símbolo maior da luta pela terra comunitária e pela liberdade em toda a Diáspora Africana na Américas”. (SANTOS, 2015, p. 12)

4 A ARTICULAÇÃO QUILOMBOLA

Ao acompanhar as lideranças Bispo e Jesus e analisar seus discursos, formações políticas e reuniões administrativas e culturais, percebe-se uma confluência de estratégias para apresentar os quilombos em diversos locais e reafirmar sua ancestralidade. Ao fazer o cruzamento dos dados coletados nesses espaços com as bibliografias e métodos antropológicos, identificaram-se algumas habilidades e capacidades se reeditando em técnicas de resistência.

Albert (2002), ao escrever sobre o discurso da liderança indígena Davi Kopenawa, explica que o **processo de articulação entre categorias ocidentais** (linguagens burocráticas, militantes) e **categorias tradicionais** (ancestrais e coletivas) reafirma a diversidade entre ambas ao mesmo tempo que as modifica. Nessa perspectiva, as lideranças quilombolas também realizam essa confluência de discursos e, nesse processo, se capacitam ao mesmo tempo em que fortalecem a luta quilombola.

O discurso de Davi lembra-nos que esses processos operam num horizonte lógico e estratégico de negociação intercultural e que, portanto, afetam tanto as categorias indígenas como as categorias emprestadas dos brancos. Esta microfísica linguística,



instaurada pela comunicação e pela política interétnicas, tende, assim, a produzir fórmulas semânticas de meio termo, cuja dialética ao mesmo tempo contorna e reafirma as incompatibilidades simbólicas em confronto; fórmulas nas quais a tradição tanto ajusta os empréstimos à sua lógica quanto é, ela mesma, modificada por eles. (ALBERT, 2002, p. 263)

Segundo Cunha (1998), o prestígio das lideranças espirituais indígenas – os xamãs – é justificado pela posição que ocupa no contexto global e pela mestiçagem de técnicas, capazes de realizar interpretações entre a experiência local e o ponto de vista mais geral.

Ao articular os saberes tradicionais e ocidentais nos discursos que constroem, analisou-se que as lideranças Jesus e Bispo realizam um **processo de tradução** de categorias ocidentais para as tradicionais e vice-versa, das categorias tradicionais para as ocidentais. Esse processo os capacita a ter uma visão mais do todo/global, assim como uma visão particular das comunidades.

A gente começou a vir (para BH) e ouvir, e a coisa que eu acho muito interessante o que a gente ouve, as coisas que a gente ouve aqui (BH), o modo de falar não é do jeito que a gente transforma essa linguagem, na comunidade no modo como ela vai entender. Então a gente além de estudar, passou a interpretar aquilo para traduzir de alguma forma pra nossas comunidades e para outras comunidades. Porque começa a gente também a visitar outras comunidades, ter outros contatos né. (Jesus, abril de 2018)

Então eu passei a ser essa pessoa que realiza esse papel, de leitura e tradução dos contratos, da escrita para a oralidade e o contrário também. Todo final de semana era para ler e escrever cartas, pois nessa época *1980* nem rádio tinha na comunidade, e a gente tinha parentes em São Paulo, por exemplo. Tudo era na carta, agora o desafio era como escrever uma carta para alguém em São Paulo sabendo que ela também não ia ler, era outra pessoa que ia ler, então eu tinha que escrever de uma forma que a pessoa que fosse ler não colocasse a nossa pessoa em constrangimento. E eu tinha que ouvir das pessoas, e traduzir para uma linguagem que eu imaginava que não ia gerar constrangimento lá na hora da leitura, mas que fosse as palavras que aquela pessoa disse. Porque se as pessoas dissessem para escrever assim, cê tinha que escrever assim. E quando eu ia ler era a mesma coisa, a carta que vinha numa linguagem, vamos dizer gramaticalmente organizada eu tinha que traduzir para a oralidade, então eu lia as palavras e pronunciava de outro jeito, que o povo entendia. Então eu fiz muito isso. (BISPO, maio de 2018)

Segundo Cunha (1998), a tradução não é somente arrumar as palavras para outra linguagem, mas sim remanejar essa linguagem de acordo com o que o tradutor imagina que irá ser compreendido. É possível constatar isso na citação acima, quando Bispo e Jesus explicam o sentido que a tradução representa para a compreensão do seu povo.

Além da estratégia de tradução, outras técnicas também são utilizadas pelas lideranças no processo de resistência e articulação político-cultural. Stengers (2018) propõe que atualmente tem se praticado duas técnicas experimentais que ajudam a transformar



coletivamente o mundo em que vivemos e propor outro cosmo, a técnica **de empowerment – fortalecimento** (minha tradução) e a técnica **reclaim – reativar** (minha tradução). A primeira técnica, de **fortalecimento**, é utilizada nas empresas para se pensar algo coletivamente, se fortalecer enquanto grupo, para estimular a criação de ideias novas.

As técnicas ditas de “empowerment” – não aquelas utilizadas nas grandes empresas para motivar seus quadros de funcionários – têm por objetivo “tornar aqueles e aquelas que participam de um coletivo capazes de pensar, tomar posições, criar junto aquilo que cada um não é capaz isoladamente”. (VIÈLE, 2010, p.14)

Essa é uma técnica articulada pelas lideranças e presente nas comunidades quilombolas, onde grande parte das questões são decididas coletivamente, por meio de reuniões e formações políticas. Isso fortalece a comunidade e dialoga com todos os pontos de vista. Nos encontros entre comunidades quilombolas e o próprio trânsito das lideranças quilombolas em formações políticas e ambientais nas comunidades, faz-se uso da técnica do **fortalecimento** a fim de retomar e habitar as terras e reafirmar a identidade quilombola.

Jesus, em uma entrevista, narra um episódio em que ocorreu o fortalecimento da comunidade através de uma união coletiva. Segundo ele, em uma reunião interna, a comunidade quilombola do Indaiá decidiu que toda reunião com atores externos, como os políticos, ocorreria na comunidade, para que todos pudessem dialogar e a comunidade não ficasse em desvantagem:

A gente chamava os prefeitos das duas cidades para uma reunião, porque na cabeça da gente seguinte, as prefeituras têm todos os equipamentos e instrumentos para atender as comunidades. Tem o motorista do prefeito, tem um técnico, não sei mais o que. Porque eu sozinho, desarmado discutir com um cara formado, político de formação, discutir o que eu tenho direito lá dentro do gabinete dele com aquela roda de secretários, onde com certeza tudo que eu vou propor eles vão jogar por terra. Aí a gente fez o inverso, chamou os prefeitos para as comunidades, a gente discutiu sobre quilombo nas comunidades, a gente começou e aproximar um contato que a gente não tinha com as prefeituras, com os prefeitos, com o poder público local. (JESUS, abril de 2018)

Essa ação tornou a construção de demandas das comunidades mais estratégica e visível ao poder público. Bispo, assim como Jesus, também utiliza da técnica de **fortalecimento** desde o começo da sua atuação política, em diversas situações, não somente na sua, mas em diversas comunidades quilombolas, visando fortalecer a identidade desses sujeitos e a luta da comunidade. Em seu livro, *Colonização e Quilombo – Modos e significados* (2015), ao



trabalhar essa capacidade de articulação, Bispo explora dois conceitos que ajudam a pensar essa capacidade de união dos grupos, a Transfluência¹⁰ e a Confluência.¹¹

Segundo Bispo (2015), existem duas formas de se *ajuntar* para realizar algo: a transfluência (pensamento monoteísta), que descreve que nem tudo se mistura, se ajunta; e a confluência (pensamento plurista), que descreve que nem tudo que se ajunta, se mistura. Ele utiliza esses conceitos para explicar que um coletivo não necessariamente precisa ser uma unidade, igual, homogênea, que pensa o mundo e crê nas mesmas coisas. Os coletivos podem se *ajuntar* com um objetivo bem definido ou uma causa estabelecida, podendo chegar ao fim desejado, com o sucesso na causa defendida, ou continuar a lutar por outras causas.

As reuniões, formações, oficinas e encontros que as lideranças e as comunidades quilombolas têm realizado através da técnica do fortalecimento, fizeram as comunidades conseguirem diversos títulos de terra e conquistas. Entre elas estão a bolsa permanência nas universidades, festivais de cultura quilombola, a própria identidade quilombola de auto atribuição e a pauta quilombola sendo debatida em diversos meios, como na universidade, nas políticas públicas e na cultura. Analisa-se que o **fortalecimento** e o pensar coletivo projetam acontecimentos cósmicos e outro mundo – que inclui a cosmologia e os direitos quilombolas – que ainda está a surgir, como cita Stengers (2018):

Empowerment, produção graças ao coletivo, de partes capazes daquilo que elas não teriam sido capazes sem ele. Arte de imanência radical, mas a imanência é precisamente aquilo que está para se criar, sendo o regime usual de pensamento aquele da transcendência que autoriza posição e julgamento. (STENGERS, 2018, p. 459)

A segunda técnica coletiva que Stengers (2018) apresenta e a terceira identificada nessa pesquisa é o **Reclaim - Reativar** (minha tradução). A autora relaciona essa técnica à cosmologia das bruxas e feiticeiras neopagãs, que propunham em seus discursos reativar a magia na política para combater um mundo capitalista e eurocentrista. Stengers (2018) explora ainda mais essa palavra e se aproxima das comunidades tradicionais ao relacionar a técnica de “reativar” aos saberes antigos e as práticas dos mais velhos.

¹⁰ “Transfluência é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se ajunta. Por assim ser, a transfluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento monista e do povo monoteísta”. (SANTOS, 2015, p. 89)

¹¹ “Confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas”. (SANTOS, 2015, p. 89)



Em seguida, reclaim poderia ser o que chamamos de “receitas da minha avó”, vindas de uma época antiga (época anterior àquela da caça às feitiças). Uma época quando se inventaram certas práticas – por exemplo, a medicina através das plantas, a utilização de fertilizantes naturais como a urtiga, a cavalinha, entre outros – que foram condenadas em favor de medicamentos e pesticidas. (VIÈLE, 2010, p. 14-15)

Nessa técnica de reativar as práticas antigas, Bispo atua por excelência. Inclusive, o faz em seu livro, em que recupera essas práticas situando cada quilombo e sua relação vital com a terra e a natureza. Ele ainda propõe tornar o livro vivo, recomendando fazer a casa de farinha orgânica, a pescaria coletiva, rituais de coletividade, a recuperação do politeísmo, da policultura e da maneira de pensar circular. Bispo dialoga com Stengers quando coloca as diferenças nos modos culturais do povo que ele classifica como monoteísta (ocidentais) e dos povos politeísta (tradicionais). Ele ilustra isso ao comparar o futebol, como uma prática que exclui, com a capoeira, como prática que inclui, expressa e fortalece as tradições.

As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juízes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As pessoas que assistem, ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade). Essa lógica excludente do futebol e inclusiva da capoeira estão presentes no dia a dia e fazem parte do processo organizativo da coletividade. (SANTOS, 2015, p.41)

Eis a capoeira como a reativação de uma prática mágica da cosmologia dos quilombos, que remete aos antigos e inclui, integra, renova, une, desenvolve a diversidade e a solidariedade, consagra a ancestralidade, reafirma a identidade negra e estimula a conexão com o território quilombola.

Jesus também segue reativando a ancestralidade quilombola desde que se iniciou na luta pela comunidade. Logo na sua primeira prática como professor da comunidade, ele relata que propôs aos alunos que conversassem com suas avós e seus avôs. Eles deveriam procurar, assim, entender como essas pessoas viviam, o que comiam, como se organizavam, o que plantavam, quais plantas usavam para curar as doenças, quais festas eram realizadas no passado. Por fim,



Jesus também relata que, com a introdução do EJA¹², Educação para Jovens e Adultos, houve realmente a reativação das roças coletivas e do batuque, dança/ ritual quilombola que a comunidade resgatou:

Então nesse espaço de tempo aconteceu também a educação de jovens e adultos e o resgate do batuque que tem hoje, que começou nesse tempo 2007 e 2008 e justamente como parte da alfabetização, os alunos tinham sugerido resgatar o batuque, porque eles lembravam muitas músicas do batuque. E aí lembraram que tinham algumas pessoas que lembravam; o Nonato, a Conceição, a Zita, a Maria da Conceição, o Antônio Luciano, entre outras pessoas do Indaiá. Nos nossos plantios de roça as pessoas sempre cantavam, tanto que a gente, mesmo sem ter o batuque, ia sempre aprendendo as músicas, porque as pessoas sempre cantavam quando estavam reunidas. Porque as roças são esses espaços de reunião para a comunidade, aliás eu acho que a grande escola da comunidade são as roças. Tanto faz a plantação, como a capina como a colheita é momento de festa, de celebração, mas também de troca de experiências eu acho que a roça no seu inconsciente trás isso né a permanência da história, da cultura, através de essa ou aquela atividade em que a comunidade reunir para discutir. (JESUS, abril de 2018)

A **reativação das práticas dos mais velhos** e da ancestralidade está constantemente presente nos discursos, tanto de Bispo como de Jesus. Eles enfatizam que são guiados e orientados pela ancestralidade dos seus avós, orixás e santos, apesar de ambos não frequentarem terreiros afro-brasileiros e não realizarem rituais. Quando questionei sobre a religião, eles relataram que fizeram acordos nos terreiros e pediram proteção de seus corpos e almas para que consigam lutar pelos quilombos e protegê-los.

Por fim, a última estratégia utilizada pelas lideranças e o traço mais marcante em seus discursos é o seu **estilo citacional**. Isso quer dizer que, embora o discurso seja regido por um “eu”, o enunciador pode estar emprestando sua voz a uma longa série de outros:

O estilo citacional é muito mais que um artifício retórico, ele transcreve a via que o enunciador tem seguido em pós da aquisição de conhecimento, e a formação da pessoa, através de encontros dialógicos ou agônicos. É a expressão de um processo de devir-outro, da absorção de saberes, nomes e afetos tomados de outrem. (SÁEZ, 2005, p. 187)

Bispo enfatiza em seu discurso sobre a ancestralidade o que a sua voz carrega:

¹²A **EJA – Educação Jovens e Adultos** é uma modalidade de ensino que inclui os níveis da Educação Básica – Ensino Fundamental e Médio, destinada às pessoas que não tiveram acesso à escola na idade convencional. Com a EJA, o aluno pode retomar os seus estudos e concluir em menos tempo, se qualificando para conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho.



Eu falo em nome da minha comunidade, por decisão da minha comunidade, não é uma voz da coletividade, mas uma voz da ancestralidade, dos meus mestres e mestras que me ensinaram todos os ofícios do quilombo. (BISPO, maio de 2018)

Jesus, durante todo o tempo em sua fala, e principalmente nesse relato sobre a resistência da sua comunidade, apresenta a relação dialógica entre o seu eu e o coletivo e ancestral:

Até então **a gente** era tão leigo de tudo, **a gente** não tinha contato, não sabia qual o papel da EMATER, **a gente** não sabia o que era essas coisas. **A comunidade** tinha vivido por mais de um século, somente pelos conhecimentos que ela tinha. Porque Antônio Dias mesmo tem a EMATER porque **a comunidade** foi lá e brigou pra ter. **A gente** quer, existe uma empresa do estado que dá assistência técnica, **a gente quer, a gente** precisa disso. (JESUS, abril de 2018, grifo nosso)

Segundo Sáez (2006), a identidade do agente se constrói nesses diálogos com a ancestralidade e a coletividade, com a interpretação que essa coletividade faz desse sujeito, e a interpretação que ele próprio faz dessas confluências. É construindo um discurso no qual se adapta um eu coletivo e eu individual que os líderes possuem sucesso no trânsito pelos mundos. “Uma adequada combinação de sujeito coletivo e sujeito individual pode ser especialmente eficaz quando os líderes indígenas devem enfrentar ao mesmo tempo um público nacional e internacional”. (SÁEZ, 2006, p. 191)

É esse sucesso que tanto Bispo como Jesus possuem nos espaços que percorrem, utilizando em seus discursos técnicas de **tradução**, de **fortalecimento**, de **reativação de saberes** e, através de um **discurso citacional**, formando sua própria fórmula semântica, fruto da articulação com diversos grupos e espaços, criando efeitos cósmicos e propondo um cosmo em que os direitos quilombolas sejam executados e um mundo do bem viver seja possível.

5 CONCLUSÃO: AQUILOMBAR-SE

Segundo Nascimento (2006), o quilombo tem uma história e também uma tipologia de acordo com a região e com a ordem do tempo. Dessa forma, caracterizar esse conceito é de tamanha dificuldade, exigindo uma constante pesquisa, análise e deslocamento mental para se conseguir pensar essa organização e ideologia a partir das próprias categorias quilombolas, ou seja, da perspectiva quilombola. Dessa forma, com essa pesquisa, buscou-se compreender a cosmologia quilombola por meio dos discursos das lideranças, através do acompanhamento dos



espaços e das realidades que transitam, identificando as técnicas que utilizam para projetar o cosmo quilombola e defender seus direitos.

Conclui-se que as lideranças dessa pesquisa, Bispo e Jesus, guiados pela coletividade e ancestralidade, assim como os xamãs indígenas, criam um acontecimento cósmico nos espaços que transitam. Ambos trazem, através do discurso, um conjunto de objetos, almas, pessoas e coletivos, para obter poder político e afirmação da identidade quilombola. “Como antes tinha servido de manifestação reativa ao colonialismo de fato, em 70 o quilombo volta-se como código que reage ao colonialismo cultural, reafirma a herança africana e busca um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnica.” (NASCIMENTO, 2006, p. 124)

Para conseguir esse reconhecimento da identidade quilombola e projetar o cosmo quilombola, as lideranças realizam acontecimentos cósmicos nas próprias comunidades em que moram, nas comunidades que frequentam, palestrando e em formações políticas, nos diversos espaços criados pelos movimentos sociais e nas universidades. Para realizar esses interstícios mágicos, utilizam de técnicas como a **tradução** dos saberes ocidentais para os tradicionais e vice-versa, dos tradicionais para os ocidentais. Além dessa, utilizam as técnicas de **fortalecimento do pensamento coletivo**, a técnica de **reativação das práticas ancestrais** e a **confluência de vozes coletivas e individuais** em seus discursos, derivadas dos conhecimentos adquiridos e dos encontros realizados.

Esses acontecimentos cósmicos que as lideranças produzem, guiados pela ancestralidade e pela coletividade, desaceleram o pensamento cognitivo ocidental e nos fazem buscar outras formas de pensar, outras formas cósmicas como reais. Eles representam a luta quilombola, que durante muito tempo foi esquecida e não reconhecida e fazem, através de diversas conexões, funcionar palavras, como quilombo, em outros lugares onde não eram vistas.

Por tudo isto o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional. O fato de ter existido como brecha no sistema em que negros estavam moralmente submetidos projeta uma esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural. (NASCIMENTO, 2006, p. 125)

Diante da crise nacional em que estamos vivendo, as alianças que as lideranças quilombolas realizam, projetando o cosmo quilombola em diversos espaços, representam uma esperança para as comunidades quilombolas se colocarem na arena política, da mesma forma



que contribui para que outros grupos consigam dialogar com o Estado Nacional, para conseguirem afirmar suas identidades. Assim, o ato de aquilombar-se tem ocupado diversos espaços, influenciando grupos e pessoas a lutar pelos negros e quilombolas, por esse modo de viver e por modelos de mundos mais plurais, inclusivos e do bem viver.

Por fim, o cosmo quilombola criado hoje por essas lideranças revela não somente um território geográfico, mas o território em nível da simbologia. Revela uma resistência cultural, étnica e política que busca combater o colonialismo, afirmando a identidade negra e quilombola e buscando uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida (orgs.). **Pacificando os brancos**: cosmologias de contato no Norte-Amazônico. São Paulo: UNESP-Imprensa Oficial do Estado, 2002.

ALBERT, Bruce. O ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza. *In*: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita. **Pacificando os brancos**: cosmologias de contato no Norte-Amazônico. São Paulo: UNESP-Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALVARES M. M. **Alteridade e História entre os Maxacalis**. Projeto de tese – Requisito Parcial para obtenção de título de Doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC. Florianópolis. 2005.

SÁEZ, Oscar Calavia. Autobiografia e sujeito histórico indígena. **Novos Estudos**, n. 76, nov. 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução. **Mana**, v. 4, n. 1, p.7-22, abr. 1998.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *In*: RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo. *In*: RIBEIRO, Darcy. **Carta**: falas, reflexões, memórias. Brasília: Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1991.

SAHLINS, Marshall David. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, 1997.



SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

VIÈLE, Anne. Posfácio: potência e generosidade da arte de “prestar atenção”!: La Sorcellerie Capitaliste: pratiques de désenvoûtement de Philippe Pignarre e Isabelle Stengers, de 2005. **Ponto Urbe: Revista de Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, n. 7, p. 1-18, 2010.